

Apresentação

**VORACIDADE CENTRÍPETA:  
A ABERRANTE PUPILA DE BETO VALENTE**

por Luiz Guilherme Fonseca

Os relatos contidos neste livro formam uma mandala cujo centro propulsor é o vazio – um olho cego e monstruoso que, buscando a tudo ver, acaba produzindo as mais intrigantes e inusitadas histórias. São relatos curtos, disformes, algumas vezes zigiguezagueantes, relentados, como bagaço de mexerica aguando no canto da boca, noutras vezes de uma velocidade desconcertante, precisos, mas que nunca se dobram a revelar o seu mistério, se alongando com persistência após cada leitura.

De Argel à Mantiqueira mineira, de Hervik a Bangu, passando por Marseille, Acari, Paris, Santa Teresa, Lisboa, Al Dabbah e tantos outros lugares, o livro nos leva em perpétuo deslocamento por estilhaços de histórias, visões, ou a eterna contemplação de um único segundo.

Metamórfica como Euzébio, o ser que se transforma em outro, a escrita de Beto Valente é úmida e escorregadia, mesmo fúngica, driblando qualquer tentativa de captura ou classificação. Se o subtítulo do livro o descreve como sendo de contos, alguns relatos se apresentam como romance, confissão, memória, refrão, e lidos todos em conjunto (e contaminados/contaminando os desenhos miceliais e sinuosos de Cabelo Cobra Coral) parecem entrever uma delicada e engenhosa tapeçaria carcomida em alguns pontos pelo tempo, impedindo assim qualquer noção de completude.

Vasos comunicantes, cada relato parece criar novo sentido e ao mesmo tempo desestabilizar o relato seguinte, proporcionando ao leitor o encontro com a “involuntária força da loucura suprema”.

Habitado por uma proliferação de bichos, lembranças, ruas, árvores, nomes, sons, imagens, e não possuindo começo nem fim, o conjunto de textos fermenta como uma grande composteira, devorando e retrabalhando os mais diferentes materiais, e tendo como únicas divisas a deriva e o assombro.

Neste livro inclassificável, Valente parece ter levado ao paroxismo a intuição metafísica de Per Sten Lindqvist, que dizia que “as páginas de uma obra de qualquer escritor, qualquer um, foram escritas em bilhões de nuances, bilhões de formas diferentes. Dostoiévski escreveu bilhões de *Recordações da Casa dos Mortos*. Eu já li vinte e três, e todas apreciei muito!”.

*Pupila Recalcitrante* nos mostra, mais uma vez, que o grande mistério da mutação dos muitos mundos reside na potência das forças fictícias – o que quer que “ficção” signifique: a antiga e tantas vezes esquecida divindade polimórfica e canibal, o vazio, o olho cego que a tudo busca ver e, por isso mesmo, a tudo transforma.